

ARTE DOS



MEESTRES



ARTESANATO
BRASILEIRO

2024

ESQ-DIR Peças dos artistas: José Lourenço, António Rodrigues | Família Mestre Zé Caboclo e Casa do Alaká ABAIXO, Peça da Casa do Alaká



SOMOS A ARTESOL



Nossa jornada começou em 1998, com a visionária antropóloga Ruth Cardoso, que trilhou um caminho de transformação com a criação de um programa dedicado a revitalizar e valorizar o artesanato de raiz cultural no Brasil. Inspirada pela beleza e sofisticação das produções artesanais das comunidades do interior do país, e determinada a combater o alto grau de vulnerabilidade socioeconômica de detentores desses saberes e fazeres, ela liderou uma iniciativa que foi além das políticas assistencialistas daquela época, focando no desenvolvimento do capital social e na criação de oportunidades de formação, trabalho e renda.

O programa, denominado “Artesanato Solidário”, desenvolveu uma metodologia inovadora, orientada pelos princípios do comércio justo, estimulando a formação de Associações e qualificações em gestão, desenvolvimento de novos produtos, e organização da produção, comunicação e comercialização. Esse programa foi a semente que germinou e nos constituiu como uma ONG que, desde então, há 26 anos, vem impactando positivamente a vida de milhares de artesãos e suas comunidades.

Seguimos honrando e dando continuidade ao legado de Ruth com ações que promovem o desenvolvimento sustentável e a inclusão socioprodutiva, com o propósito de combater a desigualdade social, empoderar as mulheres, valorizar a diversidade cultural, defender os direitos dos povos originários e tradicionais, e preservar nossos biomas. Por meio de projetos inovadores como o *Arte dos Mestres*, a “Rede Artesol – Artesanato do Brasil”, o “Laboratório de Inovação Artesanal”, entre outros, continuamos ampliando nosso alcance geográfico, fortalecendo a cadeia produtiva do artesanato nacional e a salvaguarda do patrimônio cultural imaterial.

Agradecemos a todos os nossos parceiros que integram essa rede solidária e somam esforços para potencializar e garantir essas transformações.

Conheça mais sobre o nosso adorável trabalho e junte-se a nós nesta jornada de impacto social.

Artesol

Saiba mais:



www.artesol.org.br

Instagram: @artesol_oficial

Instagram: @artiz.oficial



No Nubank, temos um compromisso com nossa missão de empoderar as pessoas, democratizando o acesso a serviços e produtos financeiros de forma simples e prática. Acreditamos que esse compromisso vai além das fronteiras do sistema financeiro, sendo alicerçado por pilares da cultura e da arte, elementos essenciais para a construção do desenvolvimento social.

É com esse mote que encontramos na Artesol e no projeto *Arte dos Mestres* a tradução de nossos valores em ação concreta, onde a cultura é vista como um poderoso motor de transformação. Ao apoiar essa iniciativa, endossamos o nosso apoio aos mestres e mestras artesãs cujas mãos habilidosas tecem a trama de nosso patrimônio sociocultural. Pelo artesanato, esses artistas não apenas moldam materiais; eles também escavam e expõem raízes, narram histórias e solidificam tradições que atravessam o tempo.

Convidamos você a conhecer, entender e, sobretudo, valorizar a vastidão de saberes e fazeres que configuram nossa identidade nacional, aplaudindo a vitalidade e criatividade do nosso país.

Temos orgulho em fazer parte deste projeto que conecta as pessoas com a arte e a cultura popular brasileira, ressignificando o conceito de valor em cada transação, seja ela financeira ou cultural.

Nubank



ATRÁS, ESQ-DIR Peças dos artistas: Mestre Espedito Seleiro e José Lourenço À FRENTE, ESQ-DIR Peças dos artistas: Paulo Rodrigues | Família Mestre Zé Caboclo e Mestre Fernandes Rodrigues



ESQ-DIR Peças dos artistas Josielton Sousa e Povo Ashaninka do Rio Amônia







AS ARTES POPULARES
AQUÉM E ALÉM
DAS FRONTEIRAS

Há muitos aspectos fascinantes nas artes ditas populares. Por vezes, elas nos interpelam pelo prazer estético que proporcionam, como as figuras humanas de Fernandes Rodrigues, esculpidas com tamanho realismo e tamanha precisão que pressentimos seus pensamentos. Outras vezes, atraem-nos pelo estranhamento que geram, caso do homem cavalgando um pássaro de André Menezes. Ou, então, ficamos curiosos para saber mais: que histórias estão sendo contadas nas graciosas cenas recriadas nas miniaturas de Cláudio Capela, que dão a ilusão de controlarmos o mundo do alto, de termos uma visão panorâmica da vida?

Ainda que sejam, no senso comum, associadas principalmente à materialidade e à artesanaria manual, as artes populares colocam-nos verdadeiros desafios intelectuais. Um deles é como delimitar as fronteiras desse universo. A variedade de linguagens, materiais, temas e perfis dos artistas é tamanha, que surgem as perguntas: o que as artes populares têm em comum? Como saber se estamos, ou não, diante de um(a) artista popular?

Não há uma resposta única. Dependendo da época e de quem classifica, critérios distintos são mobilizados na categorização dos(as) artistas e das obras populares, entre os quais: a origem, ou seja, ter nascido e crescido em camadas socioeconômicas pouco favorecidas; a formação, ou seja, se a pessoa possui baixa instrução formal ou é autodidata; o conteúdo das obras, se dialoga com elementos da religiosidade popular, da vida rural, do cotidiano das periferias, das festas comunitárias e assim por diante; e a posição relativamente marginalizada dentro do campo das artes. Pode acontecer de apenas um ou dois desses aspectos estarem presentes, tornando difícil a categorização das artes populares.

A antropóloga Angela Mascelani (2002) destaca outro elemento recorrente na trajetória dos(as) mestres(as) colecionados(as) pelo Museu Casa do Pontal, onde é curadora: muitos(as) começaram em comunidades onde o domínio de determinada técnica era coletivo, ligado a matérias-primas daquele território, e, no contato gradual com os consumidores e apreciadores de fora da comunidade, passaram a experimentar estilos mais individuais e a procurar uma melhor remuneração, apropriando-se das noções de arte e artista. Nas palavras de Lélia Coelho Frota, autora do *Pequeno dicionário da arte do povo brasileiro*, “à medida que se impregna de um *ethos* urbano – seja pela migração, seja pela difusão de novos conteúdos midiáticos –, irão surgindo indivíduos que, na área da visualidade, gerarão obra de feição autoral, original, única” (FROTA, 2005: 17).

Mestra Irinéia, ceramista nascida na comunidade quilombola Muquém, fornece uma bela ilustração desse processo. Inicialmente, fabricava painéis

de barro junto com sua mãe, como forma de geração de renda para a família. Passou a receber encomendas de ex-votos, principalmente as partes de corpos curadas pelos santos, que foram ficando famosos. Acabou especializando-se em cabeças de argila; passou por algumas formações e foi desenvolvendo uma obra cada vez mais singular. Zé Caboclo, do Alto do Moura, começou confeccionando brinquedos de barro, inspirado por sua mãe e sua irmã, que vendiam cerâmica utilitária. Foi se tornando um escultor renomado, ao lado de Mestre Vitalino, e criou um verdadeiro ateliê familiar, ao ensinar a cerâmica figurativa a seus filhos.

Faz todo sentido, portanto, que o crítico de arte e curador paraguaio Ticio Escobar (2008) argumente que as criações populares são marcadas pela capacidade de aliar a eficácia dos objetos ao seu apuro formal. A arte supostamente “universal”, ao contrário, desvincula a intenção estética de qualquer função ou aplicação prática. Vale lembrar que a ideia moderna e ocidental de arte foi construída com base em três pilares. Um deles é, justamente, que a obra de arte não pode ter motivações utilitárias, econômicas ou religiosas, devendo ser destinada à pura contemplação. O segundo pilar é que a arte precisa ser única e original – o que tende a apartá-la de conhecimentos coletivos e tradicionais. Por fim, a autoria deve estar traduzida na assinatura de um(a) artista reconhecido(a) por seus pares, pela crítica e pelas instituições de arte.

Em cima de tal concepção, datada e excludente, cristalizaram-se as dicotomias arte/artesanato, arte moderna/arte popular, obra de arte/artefato etnográfico, arte moderna/arte “primitiva”, normalmente inferiorizando o segundo termo. Ricardo Lima, um dos principais pesquisadores de arte popular do país, alerta para o fato de que tais dicotomias traduzem distinções de classe e relações sociais assimétricas, opondo as elites, que concentrariam o saber, às camadas subalternizadas, que se dedicariam somente aos fazeres manuais, como se não tivessem “a capacidade de pensar, a possibilidade de conceber e de se expressar racionalmente” (LIMA, 2009: 99).

O problema com as oposições e as categorias estanques é que elas não dão conta da realidade múltipla e dinâmica. Ora, a arte esteve por muito tempo ligada à religião e à ciência, sendo “a arte pela arte” uma invenção do século XIX. A história da arte e os museus muitas vezes atribuem retroativamente o título de arte a obras anteriores ao surgimento desse conceito e que não se encaixam nos pressupostos do desinteresse material, da primazia da forma, nem da autoria individual. Como lembra o antropólogo argentino Nestor Garcia Canclini (1997), quando falamos em “arte egípcia” ou em “arte sacra”, estamos nos referindo a artefatos anônimos, produzidos com finalidades políticas

e religiosas. Porém, inseridos em museus e exposições, são depurados das relações sociais e econômicas que os atravessam.

Nen é um exemplo emblemático da fluidez entre fronteiras. As cadeiras que constrói revelam grande senso escultórico. Os movimentos e assimetrias da madeira reciclada não contribuem somente para o conforto ou a estabilidade dos móveis: atendem às experimentações formais desejadas pelo artista. Ao mesmo tempo, a matéria-prima originada de antigas embarcações continuará compondo objetos úteis, agora para novas pessoas. De modo similar, os ojás e alakás expostos em *Arte dos Mestres* são tecidos em teares de acordo com antigas tradições africanas e informam sobre as identidades de seus portadores, conforme a amarração, as cores e os padrões. Mais conhecidos como panos da costa, estiveram expostos no Pavilhão do Brasil na Bienal de Arquitetura em Veneza, em 2023. Como fica, então, a oposição entre arte e artesanato?

Também não se sustenta o argumento de que os(as) “verdadeiros”(as) artistas seriam criadores singulares e solitários, enquanto os artesãos atuariam de modo coletivo e mais anonimizado, e, como decorrência, os(as) artistas produziram obras únicas e irrepetíveis, enquanto os(as) artesãos(ãs) seriam produtores(as) em série. Afinal, mesmo a arte canônica pode resultar do trabalho anônimo coletivo. No século XVII, o holandês Rembrandt van Rijn contava com a ajuda de assistentes em seu ateliê, exigindo que pintassem rigorosamente ao seu estilo. Por isso mesmo, desde a década de 1960, a autoria de dezenas de telas de Rembrandt vem sendo contestada. Fenômenos semelhantes acontecem na arte contemporânea, colocando em xeque a noção de autoria. O artista Takashi Murakami – conhecido por pintar e esculpir personagens que parecem saídos de mangás e por criar estampas para bolsas da Louis Vuitton – conta com o apoio de mais de cem assistentes, que seguem suas instruções na produção remota de pinturas, por exemplo.

Categorias classificatórias são sempre históricas e alvos de negociação. O fato é que, nem do ponto de vista conceitual, nem do ponto de vista formal, parece haver consenso sobre os contornos das artes populares – que, como já ficou claro a estas alturas, prefiro designar no plural. A segunda edição de *Arte dos Mestres* é reveladora da falta de uma homogeneidade que permita apontar assertivamente para uma arte popular única e inequívoca. Até mestres indígenas se fazem aqui presentes.

As artes indígenas, representadas pelos irmãos Dora e Wewito Piyãko, do povo Ashaninka, são especialmente desafiadoras para nossa compreensão. Pois estamos diante não só de outros modos de organizar a produção e de

representar o mundo, mas de outros mundos. Como mostram as etnólogas Els Lagrou e Lucia van Velthem (2018), as imagens e os objetos, para boa parte dos povos ameríndios, não são inanimados, pelo contrário, costumam constituir extensões ou duplos das pessoas, sendo dotados de agência. Além disso, um adorno corporal ou um canto podem ser capazes de permitir a comunicação com seres não humanos e com outros patamares do cosmos. A estética não se restringe a uma esfera específica da vida indígena, atravessando todas as dimensões cotidianas e rituais.

A pesquisadora Luisa Elvira Belaunde (2016) explica que os desenhos feitos pelos ashaninkas com pigmentos naturais sobre a pele, a roupa ou outras superfícies trazem saúde, potencializam a sedução ou a agressividade nos corpos que cobrem. Tais grafismos, embora possam se referir a animais e plantas, por exemplo, nunca os reproduzem de forma naturalista e icônica, como ocorre na figuração Ocidental. Apesar das especificidades, a copresença entre mestres indígenas e populares talvez se justifique porque ambos estão enfrentando o desafio de lutar para conquistar espaços no mercado e no circuito expositivo, ao mesmo tempo em que se esforçam para manter os laços com suas comunidades de origem.

Em meio a todo esse mosaico, dois elementos permitem conectar os diversos trabalhos reunidos em *Arte dos Mestres*. O primeiro é o fato de que eles não se encaixam nas demais vertentes e categorizações da história da arte, seja pela dimensão coletiva envolvida na confecção das peças, seja pelo autodidatismo do(a) artista ou por passarem ao largo das convenções e tendências artísticas vigentes. O historiador Peter Burke (1999) propõe que definamos a cultura popular pelo que ela não é, como uma cultura não oficial. Da mesma maneira, as artes populares são essencialmente não hegemônicas, não oficiais, não conformes, daí sua vitalidade, sua liberdade e sua capacidade de nos surpreender.

O segundo elemento comum ao conjunto é o impacto sensível que nos causa. Independentemente dos termos utilizados e do aval das chamadas instâncias de legitimação – críticos, museus, colecionadores etc. – as obras conseguem conjugar a elaboração formal com a significação poética, convidando-nos a desvelar novos sentidos e realidades. O pesquisador paraguaio Ticio Escobar (2008) chama essa capacidade de “artisticidade” ou “efeito artístico”. É comovente que proliferem, no Brasil, tantas iniciativas plenas de “artisticidade”, apesar das dificuldades que tantas vezes os(as) mestres(as) enfrentam. As artes populares estão aquém, mas também além das fronteiras.

Ilana Goldstein

Referências bibliográficas

- BELAUNDE, Luisa Elvira. "Donos e pintores: plantas e figuração na Amazônia peruana". *Mana*, vol. 22, n. 3, set-dez 2016, pp. 611-640. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/mana/a/VxRt8V88nTV9WN7jfg6NHFW/?lang=pt#>. Acesso em 17 de julho de 2024.
- BURKE, Peter. *A cultura popular na Idade Moderna – 1500-1800*. São Paulo: Cia das Letras, 1999.
- CANCLINI, Nestor Garcia. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: Edusp, 1997.
- ESCOBAR, Ticio. *El mito del arte y el mito del pueblo*. Santiago: Ediciones Metales Pesados, 2008.
- FROTA, Lélia Coelho. *Pequeno dicionário da arte do povo brasileiro, século XX*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2005.
- GOLDSTEIN, Ilana Seltzer. "Arte, artesanato e arte popular: fronteiras movediças". In: GITIRANA, Rose Satiko e SILVA, Adriana de Oliveira. *Bixiga em artes e ofícios*. São Paulo: Edusp, 2014.
- LAGROU, Els; VELTHEM, Lucia Hussak van. "As artes indígenas: olhares cruzados". *BIB – Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais*, n. 87, 2018, pp. 133-156. Disponível em: <https://bibanpocs.emnuvens.com.br/revista/article/view/461>. Acesso em 17 de julho de 2024.
- LIMA, Ricardo. "Arte popular e artesanato. Falamos da mesma coisa?". *Ciências Humanas e Sociais em Revista*, vol. 31, n. 1. Seropédica (RJ), Editora Universidade Rural, jan.-jun. 2009, pp. 95-109.
- MASCELANI, Angela. *O mundo da arte popular brasileira*. Rio de Janeiro: Museu Casa do Pontal/Mauad Editora, 2002.

ATRAS, ACIMA Peça da artista Maria Conceição Pereira | Tece Arte A FRENTE, ESQ-DIR Peças dos artistas: Mestre Maquesson, Mestre Fernandes Rodrigues e Nen





ATRÁS, ESQ-DIR Peças dos artistas Josielton Sousa e Mestre Jotacê
À FRENTE Peça do artista Nen





Arte no barro, na madeira, no papel, nos fios, nas sementes e no couro
Do norte, nordeste, centro-oeste e sudeste
Da floresta amazônica, da mata atlântica, da caatinga e do cerrado
Arte em harmonia com a natureza

Arte de avó e avô, de mãe e pai, de filhas e netos, de mestras, mestres e discípulos
De um, de família, de comunidade
Da realidade, do imaginário, da fé, da espiritualidade, das festas, dos afetos
Arte de exímias artesãs e artesãos

Arte de enfeitar, de vestir, de descansar, de fruir
Caprichada nos detalhes e de esmero na execução
Dos criativos por tradição, para celebrar um país que vibra alegria
e disfarça suas mazelas
Arte popular, de raiz, de matizes das gentes do país

Arte viva que atravessa gerações, que cativa aprendizes e rompe
fronteiras geográficas
Que combina, em sua contemporaneidade, os saberes e fazeres artesanais,
as singularidades regionais e culturas plurais
Arte nossa, da essência brasileira.



Entrar pelo portal de *Arte dos Mestres* é ter contato com as expressões mais autênticas das tradições culturais do Brasil. É conhecer os fazedores de cultura que moldam as identidades brasileiras de um país tão diverso.

A linha que costurou o processo curatorial começou a ser fiada no Acre, ali na fronteira com o Peru – onde foi tramada nos teares do povo Ashaninka e alinhavada com as sementes sagradas da Floresta Amazônica. Ganhou cores vibrantes nas mãos das tecelãs do Cerrado do Mato Grosso, foi até a Bahia para receber as bênçãos dos orixás e chegou em Nova Olinda (CE), para costurar o couro recortado do sertão.

O barro que moldou os pilares desta segunda edição brotou do Alto do Moura (PE), celeiro de grandes mestres e artistas de vanguarda da arte cerâmica nacional, como Vitalino e Galdino, e foi se misturando às argilas de outros quintais e terreiros cercados de história, como a do Muquém, comunidade remanescente do quilombo dos Palmares (AL), a da cidade de Capela, no agreste alagoano, e às das terras pernambucanas de Vitória de Santo Antão, até encontrar o horizonte da Chapada Diamantina (BA). Nasceram, assim, esculturas figurativas diversas em tamanho, cor, texturas e temáticas, mas que se conectam por sublimes linguagens estéticas regionais.

As madeiras de sustentação navegaram pelos rios e mares das Alagoas de antigamente, e trazem ancoradas as histórias em seus veios. Do Piauí, terra de escultores da arte santeira, temos anjos sanfoneiros, santos e santas entalhados nas madeiras de árvores nativas da região. Filetes coloridos de nobres madeiras foram marchetados com maestria na arte realista da fauna e flora das terras amazônicas de Cruzeiro do Sul (AC).

Valorando ainda mais todo esse tesouro, temos as produções lúdicas das novas gerações, que ilustram muito bem a natureza autodidata, inteligente, experimental e criativa dos artistas populares.

Mais uma vez, a curadoria buscou contemplar a diversidade étnica, etária, de gênero e geográfica, selecionando mestras, mestres e grupos familiares que sustentam o legado de grandes nomes da arte popular: criativos, que trabalham em comunhão coletiva, e discípulos inspirados em seus mentores.

Permeando essa potente produção, buscou-se ressaltar a tradição e sua reinvenção, a exaltação dos ofícios vernaculares que refletem os valores e as práticas específicas das diferentes regiões e grupos sociais envolvidos, a arte e o trabalho artesanal como vetor de inclusão social e econômica, e o saber fazer como patrimônio cultural imaterial.

Assim, convidamos você a observar cada obra e decifrar seus detalhes, atentar à natureza das matérias-primas, às marcas deixadas pelo trabalho manual e às diferenças de cada técnica utilizada. Incentivamos você a conversar com os criadores e a acolher suas histórias para, então, melhor compreender a estética de suas criações permeadas de simbolismo, valores sociais, códigos de resistência e ancestralidade, dando-lhes, por fim, a importância merecida.

Arte dos Mestres é, nesse sentido, mais que uma feira-exposição, é um movimento, uma experiência envolvente, da qual todos nós podemos participar ativamente.

Esperamos que as camadas mais profundas deste trabalho de pesquisa, documentado também em produções audiovisual e textual, sejam absorvidas e propagadas por novas vozes. Que sejamos sensíveis para fruir essa arte generosa, de vínculos profundos com o passado manifestados no presente e que serão nossa memória do futuro. Que possamos ser parte desse movimento de valorização da arte e da nossa cultura – sem rotulá-la. Vamos, definitivamente, entender e internalizar sua importância, para fortalecer um senso de pertencimento que integre os diversos Brasis em um só.

Arte dos Mestres é a manifestação de que isso é possível.

Estamos todos ligados pela nossa cultura popular.

Josiane Masson e Marco Aurélio Pulchério | Curadores





ANDRÉ MENEZES

Recife – PE

André Luiz Menezes do Nascimento (1992) nasceu e vive em Recife, Pernambuco. Artista autodidata, criou sua própria técnica, que batizou de “reclipachê”, junção das palavras reciclagem, papietagem e machê. Utiliza diferentes embalagens, materiais reaproveitados e papel machê para construir suas esculturas, que são recobertas com papietagem para, por fim, receberem uma elaborada pintura.

A inspiração para suas criações vem de sua fértil imaginação e do trabalho de outros artistas, em especial do Movimento Armorial, como Gilvan Samico, Miguel dos Santos e Ariano Suassuna. Suas esculturas mesclam formas humanas e de animais, criando manifestações fantásticas e antropozomórficas únicas. Nos ornamentos, pinta detalhes que remetem à cultura e estética nordestinas, como a xilogravura, as rendas e a costura em couro. Trabalha uma paleta com grande diversidade de cores, com o preto bastante marcado, desenhando contornos e realçando detalhes.

Desde 2016 vem se profissionalizando como artista, mas foi a partir do ano 2020 que começou a desenvolver a estética pela qual é conhecido. Sua produção pode ser interpretada como continuadora do legado deixado pelo Movimento Armorial, inovando pelo uso de materiais reaproveitados e pela inserção de referenciais marcadamente urbanos.

Para saber mais, aponte a câmera do celular para o QR code.





Mulher Sol e o Pássaro Lua

André Menezes

Recioplachê, papel e tinta

64 x 67 x 48 cm

Cadeira imaginária

André Menezes

Recioplachê, papel e tinta

155 x 44 x 52 cm







CASA DO ALAKÁ

Salvador – BA

A Casa do Alaká é um centro cultural e uma oficina de tecelagem especializada na produção de panos sagrados do candomblé. Está localizada dentro do terreiro Ilê Axé Opó Afonjá em Salvador, Bahia. Sua história começou em 1986, quando Mãe Stella de Oxóssi, então lalorixá, articulou uma oficina de tecelagem para os filhos do terreiro, ministrada por Mestre Abdias do Nascimento Nobre. Em 2002, novas oficinas foram realizadas para os jovens, e a Casa do Alaká foi criada com a missão de preservar e perpetuar o modo de fazer do pano da costa, também conhecido como alaká. As tecelãs tecem manualmente três tipos de peças em tear de pedal, de estilo africano: o filá, espécie de chapéu masculino; o ojá ou torço, usado enrolado na cabeça; e o alaká.

O pano da costa, pano de cuia ou alaká é um tecido retangular de origem africana que compõe o traje da baiana e a indumentária ritual feminina no candomblé. É utilizado na cintura, no peito ou envolvendo o torso e os ombros. No candomblé, o alaká de tear somente pode ser utilizado pelas ebomis, iniciadas que já cumpriram sete anos de obrigação, indicando uma posição de hierarquia. Suas cores e padrões estão diretamente ligados aos orixás a que se destinam, de acordo com os ritos do candomblé Ketu, nação do Ilê Axé Opó Afonjá. Por sua história, importância cultural e social, o alaká é um símbolo de memória, identidade e resistência para diferentes povos afro-brasileiros.

Para saber mais, aponte a câmera do celular para o QR code.





Ojá | Iyemanjá

Casa do Alaká

Tear manual,
linha de algodão
e linha sintética
195 x 33 cm

Oxóssi – Conjunto

Alaká + Ojá

Casa do Alaká |
Irã Santos

Tear manual,
linha de algodão
e linha sintética
Alaká, 220 x 35 cm
Ojá, 240 x 31 cm



Oxum – Conjunto Alaká + Ojá

Casa do Alaká | Norma Alves

Tear manual, linha de algodão
e linha sintética

Alaká, 230 x 60 cm

Ojá, 205 x 32 cm



Oxumarê – Conjunto Alaká + Ojá

Casa do Alaká | Irá Santos

Tear manual, linha de algodão
e linha sintética

Alaká, 200 x 75 cm

Ojá, 240 x 31 cm



Ojá | Oxumarê

Casa do Alaká

Tear manual, linha de algodão
e linha sintética

240 x 31 cm





CLÁUDIO CAPELA

Capela – AL

Cláudio Henrique Freire da Silva (1992) nasceu e cresceu em Capela, Alagoas, onde vive e trabalha. É um dos mais proeminentes aprendizes do mestre ceramista João das Alagoas, consolidando um estilo próprio. Começou seu aprendizado por volta dos catorze anos, frequentando a oficina do mestre, que também é seu tio. Aos dezenove anos, especializou-se nas miniaturas, após se encantar com as criações em palito de fósforo do artesão Arlindo Monteiro em uma feira de Maceió.

Com seu olhar atento para as sutilezas, modela, em cerâmica, diminutas casas de fazenda e cenas do cotidiano, com avós contando histórias para crianças, paneleiras, rendeiras, sanfoneiros, bailes de forró, vendedores ambulantes e crianças brincando de amarelinha. Ricas em detalhes, suas obras tornam-se pequenas crônicas do cotidiano pacato de Capela e de suas memórias de infância.

Por demandarem um trabalho minucioso, suas obras revelam grande capacidade técnica e habilidade, desenvolvidas em muitos anos de prática. Inquieto, Cláudio sempre está em busca de se aperfeiçoar, desafiando-se constantemente a criar esculturas cada vez menores. Algumas microminiaturas chegam a dimensões impressionantes, pois são menores que um grão de arroz.



Para saber mais,
aponte a câmera
do celular para
o QR code.





Vila 1 com 30 pessoas

Cláudio Capela

Modelagem, argila

9 x 19 x 12 cm



Vila 2 com 50 pessoas
Cláudio Capela
Modelagem, argila
9 x 26 x 12 cm



Vila Maior
Cláudio Capela
Modelagem, argila
10 x 19 x 50 cm





FAMÍLIA MESTRE ZÉ CABOCLO

Caruaru – PE

José Antônio da Silva (1921-1973), mais conhecido como Zé Caboclo, é um dos primeiros discípulos de Mestre Vitalino no Alto do Moura, em Caruaru, Pernambuco. Junto a seu cunhado Manuel Eudócio, criou inovações técnicas que foram adotadas pelo próprio mestre, como o uso de arame na estrutura das peças e a pintura com tinta branca e preta, que deu luz aos olhos das figuras, no lugar de pequenos orifícios. Também inovou ao representar os personagens dos folguedos e manifestações culturais populares com colorido vibrante, como o maracatu, o reisado e o cavalo-marinho.

Zé Caboclo repassou seus conhecimentos para os oito filhos, dando origem a uma oficina familiar de cerâmica figurativa que está na terceira geração. Dos oito filhos, seis dedicam-se à arte figurativa com mais regularidade: Paulo Rodrigues da Silva (1950), Antônio Rodrigues da Silva (1951), Maria do Socorro Rodrigues da Silva (1955), Carmelia Rodrigues da Silva (1956), Marliete Rodrigues da Silva (1957) e Horácio Rodrigues da Silva (1965). Além da neta Amanda Paes Rodrigues Pereira (1982), filha de Antônio.

Mantendo o legado de Zé Caboclo vivo, cada um reinventa suas temáticas e cria inovações a partir de uma linguagem artística individual. Modelam com maestria uma infinidade de cenas do cotidiano e da cultura nordestina, como bandas de música, famílias de retirantes, brincadeiras infantis, carros de boi, folguedos e festas populares, profissionais, entre tantas outras.

Para saber mais,
aponte a câmera
do celular para
o QR code.







A volta de Luiz Gonzaga

Família Mestre Zé Caboclo |
Mestra Socorro Rodrigues

Modelagem e policromia, argila
21 x 43 x 25 cm

Vovó contando histórias

Família Mestre Zé Caboclo |
Mestra Marliete Rodrigues

Modelagem e policromia, argila
5 x 10 x 6 cm

Parque de diversões

Família Mestre Zé Caboclo |
Mestra Socorro Rodrigues

Modelagem e policromia, argila
26,5 x 25 x 25 cm



Rezadeira

Família Mestre Zé Caboclo |

Amanda Paes

Modelagem e policromia, argila

21 x 22 x 2 cm

Voltando da feira de Caruaru

Família Mestre Zé Caboclo |

Horácio Rodrigues

Modelagem e policromia, argila

23 x 39 x 31 cm







FAMÍLIA PEREIRA

Caraí – MG

Ulisses Pereira Chaves (1924–2006) nasceu e viveu no povoado de Córrego de Santo Antônio, no município de Caraí, Minas Gerais. Filho, neto e bisneto de oleiras, foi um dos primeiros homens a produzir cerâmicas figurativas em sua região, ofício até então exclusivamente feminino.

Considerado um dos maiores artistas populares brasileiros do século XX, criou um estilo figurativo singular e inconfundível, diferenciando-se de outras produções cerâmicas do Vale do Jequitinhonha. Ulisses conversava com as estrelas, as árvores, os rios, pois sua inspiração vinha da natureza e de sua imaginação. Suas peças combinam, de forma complexa, elementos humanos e animais, dando vida a seres de outros mundos.

Teve dez filhos, para os quais repassou seus conhecimentos, formando uma pequena escola em torno de seu trabalho. Atualmente, dois deles continuam seu legado, Margarida Pereira da Silva (1966) e José Maria Alves da Silva (1972), juntamente com sua neta Rosana Pereira da Silva (1988), filha de Margarida.

Para saber mais, aponte a câmera do celular para o QR code.



Peça Margarida Pereira 5

Família Pereira |

Margarida Pereira

Modelagem, argila
e pigmentos naturais

27 x 49 x 10 cm



Peça José Maria Pereira 6

Família Pereira |
José Maria Pereira

Modelagem, argila
e pigmentos naturais
50 x 20 x 42 cm





Peça Margarida Pereira 2

Família Pereira |
Margarida Pereira
Modelagem, argila
e pigmentos naturais
66 x 50 x 8 cm

Peça Rosana Pereira 7

Família Pereira |
Rosana Pereira
Modelagem, argila
e pigmentos naturais
20 x 10 x 10 cm



Peça Rosana Pereira 6

Família Pereira |
Rosana Pereira
Modelagem, argila
e pigmentos naturais
20 x 15 x 10 cm





JOSÉ LOURENÇO

Juazeiro do Norte – CE

José Lourenço Gonzaga (1964), conhecido como Zé Lourenço, nasceu em Juazeiro do Norte, Ceará. É tipógrafo, impressor, o maior xilógrafo do Ceará e um dos mais importantes do Brasil. Teve contato com o mundo dos cordéis ainda na infância, acompanhando seu avô Pedro Gonzaga, que trabalhava na tipografia São Francisco, mais tarde rebatizada de Lira Nordestina.

Entre 1985 e 1986, cortou sua primeira xilogravura para a capa de um cordel e, em 1990, produziu o primeiro álbum artístico, intitulado *A vida do Padre Cícero*, premiado no Salão de Abril de 1991. Na sequência, vieram *Vida e poesia do Patativa do Assaré*, *Via Sacra*, *Lira Nordestina*, entre outros. Com uma produção artística de fôlego, participou de várias exposições individuais e coletivas, em diferentes estados brasileiros e no exterior.

Suas xilogravuras seguem a estética da "escola do Cariri", com desenhos bem preenchidos e fundos riscados, em que predomina o uso do preto e do branco. Suas temáticas favoritas são as histórias de sua terra, como a religiosidade, a agricultura, as cenas do cotidiano, as festas e folguedos, a vida e a obra de personalidades locais. Desde 1996 é diretor artístico da Lira Nordestina e se dedica a estimular o surgimento de novos talentos na xilogravura, por meio do repasse de seus conhecimentos.

Para saber mais, aponte a câmera do celular para o QR code.





Caminho – matriz

José Lourenço

Xilogravura, madeira
40 x 65 x 2 cm

Conversa – matriz

José Lourenço

Xilogravura, madeira
21 x 16 x 1,5 cm

Conversa – impressão

José Lourenço

Xilogravura,
impressão sobre papel
opalina 240 gramas
48 x 33 cm





76 Retornante

José Vazquez

Juozsimo 66
1986





JOSIELTON SOUSA

Teresina – PI

Josielton Ferreira de Sousa (1985) nasceu em Teresina, Piauí. É artesão da terceira geração de artesaneiros do Piauí, tradição iniciada pelo trabalho de Mestre Dezinho na década de 1960. Com onze anos, começou a frequentar a escola Oficina Chico Barros, fundada por Mestre Dim. No contraturno da escola, iniciou o aprendizado do ofício, fazendo entalhes em alto-relevo para só depois entalhar imagens completas. Mais tarde, passou a trabalhar na oficina de Mestre Costinha, onde permaneceu por cerca de catorze anos.

Suas obras são entalhadas principalmente em cedro, utilizando ferramentas manuais, como serrote, enxó, formão e faca. Para alcançar o brilho característico, o acabamento é feito em várias etapas, com lixamento e polimento com uma mistura de diferentes tipos de ceras.

Além de criar imagens de santos e anjos, Josielton se destaca pela inovação estilística e temática, sem deixar de seguir a tradição. Criou sua própria versão dos anjos músicos e tem as palmeiras como a principal identidade do seu trabalho, dedicando-se a entalhar com perfeição o buritizeiro, o coqueiro e a carnaúba, sendo esta última a árvore-símbolo do Piauí.

Para saber mais,
aponte a câmera
do celular para
o QR code.





Josielton Sousa
Obras em madeira





MESTRE MAQUESON

Cruzeiro do Sul – AC



Maqueson Pereira da Silva (1958) é o mais expressivo artista da marchetaria no Brasil. Nasceu e cresceu em seringais da floresta amazônica às margens do rio Juruá, em Porto Walter, no Acre. Com catorze anos, deixa sua família para estudar no colégio dos padres alemães espiritanos, onde permanece até os dezoito anos. Sem nunca ter saído da floresta, decide entrar para o seminário e muda-se para Santa Catarina. Lá descobre a marchetaria e toma suas primeiras aulas de desenho.

Muda-se com sua família definitivamente para Cruzeiro do Sul, no Acre. Sua curiosidade e seu talento são estimulados pelo padre e museólogo Herbert Douteil, que se tornaria seu amigo. É por intermédio dele que consegue ir para a Itália e Alemanha para se aprimorar na marchetaria. Funda então sua oficina, a Marchetaria do Acre, reconhecida nacional e internacionalmente.

Encontra na floresta sua maior fonte de inspiração e de matéria-prima. Com grande habilidade técnica e precisão, utiliza finas lâminas de madeiras mortas encontradas em rios e igarapés para contar histórias amazônicas, retratando sua fauna, flora, paisagens e povos. Sem utilizar tintas ou corantes, é com as próprias cores naturais da madeira que produz contrastes, profundidade e surpreendente realismo.

Para saber mais, aponte a câmera do celular para o QR code.





Onça

Mestre Maqueson

Marchetaria, lâminas
de madeira natural

40 x 35 x 35,5 x 10,5 cm



Coruja

Mestre Maqueson

Marchetaria, lâminas
de madeira natural

50 x 35 x 39,5 x 11,5 cm

Árvore com flores amarelas

Mestre Maqueson

Marchetaria, lâminas
de madeira natural

50 x 35 x 39,5 x 11,5 cm







NEN

Barra de Santo Antônio – AL

Filho e bisneto de carpinteiros navais, Adeildo Gomes dos Santos (1972) nasceu em Maceió, Alagoas, e recebeu o apelido de Nen para diferenciá-lo de seus onze irmãos. Desde os nove anos, precisou trabalhar e, por não ter se adaptado ao corte de cana, passou a se dedicar à marcenaria e à carpintaria naval. Dos 17 aos 25 anos morou em São Paulo, onde trabalhou em fábricas de eletrodomésticos e móveis.

Ao retornar para Alagoas, no ano 2000, descobre o universo da arte popular ao ser contratado para restaurar peças de madeira da coleção do fotógrafo Celso Brandão. Morou por mais de dois anos no povoado da Ilha do Ferro, localidade conhecida pelo entalhe artesanal em madeira, onde conviveu com grandes artistas e mestres artesãos. Em 2019, participou da exposição *Pepitas populares – Coleção Celso Brandão*, lançando seu trabalho para um público mais amplo. Atualmente, vive em Barra de Santo Antônio e possui uma oficina na beira do mar.

Nen confecciona elegantes peças de mobiliário, como mesas, cadeiras, bancos e poltronas, com canoas antigas adquiridas em diferentes municípios de Alagoas. Algumas chegam a ter mais de 130 anos de idade e fazem parte da história de famílias de pescadores e do estado de Alagoas.

Para saber mais, aponte a câmera do celular para o QR code.





Poltrona 1

Nen

Marcenaria, madeiras de
embarcações antigas
95 x 74 x 54 cm

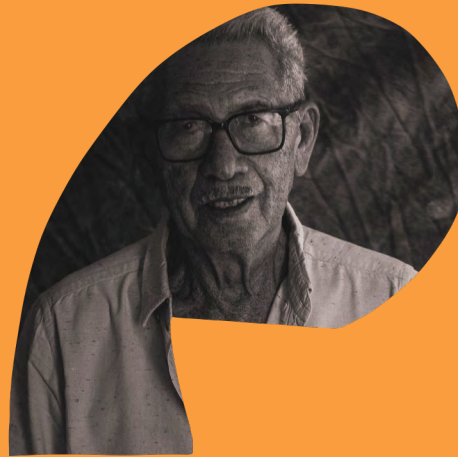
Poltrona 4

Nen

Marcenaria, madeiras de
embarcações antigas
141 x 84 x 60 cm







MESTRE ESPEDITO SELEIRO

Nova Olinda – CE

Espedito Velozo de Carvalho (1939) nasceu em Arneiroz, no sertão de Inhamuns, Ceará. Artesão da quinta geração no ofício do couro, carrega a alcunha de Seleiro, assim como seu pai, avô e bisavô. É reconhecido como Mestre e Tesouro Vivo da Cultura pelo governo cearense e pelo Ministério da Cultura.

Com oito anos de idade, iniciou seu aprendizado na arte de transformar o couro em gibão, sela, chapéu e toda sorte de artefatos, tendo o pai como mestre. Em Nova Olinda, no Cariri cearense, formou sua família e estabeleceu sua oficina-escola, onde repassa seus conhecimentos para os filhos, netos e familiares. Seu filho Francisco Santana de Carvalho (1976), mais conhecido como Maninho Seleiro, segue seus passos e é seu braço direito, atuando no desenho e produção das peças.

Espedito Seleiro inovou ao criar um estilo próprio, utilizando couros coloridos e pespontados em contraste, combinando influências estéticas dos vaqueiros, cangaceiros e ciganos.

Os desenhos das peças surgem a partir da transformação e justaposição de curvas em "S" que, quando unidas, formam um coração, sua marca registrada. Ao criar peças contemporâneas que honram sua paisagem, o sertão nordestino, Espedito Seleiro mantém vivas as tradições da civilização do couro, que tem nos ofícios do vaqueiro e seleiro sua maior manifestação.

Para saber mais,
aponte a câmera
do celular para
o QR code.





Painel Redondo 1
Mestre Espedito Seleiro
Selaria, couro
105 x 103 cm

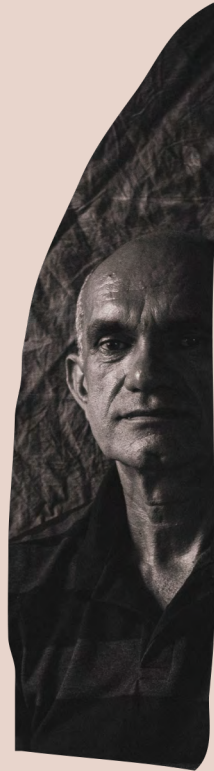
Sela
Mestre Espedito Seleiro
Selaria, couro
35 x 72 x 65 cm





MESTRE FERNANDES RODRIGUES

Vitória de Santo Antão – PE



Fernandes Rodrigues de Oliveira (1963) nasceu no Engenho Cacimbas, na zona rural de Vitória do Santo Antão, Pernambuco. Trabalhou por muito tempo como montador de móveis até que sentiu a necessidade de mudar. Aceitando o chamado da arte, passou a fazer alegorias para os blocos de carnaval tradicionais de sua cidade.

Em 1997, tornou-se aluno de Mestre Zezinho de Tracunhaém, que estava em Vitória de Santo Antão para ministrar um curso de cerâmica a convite da prefeitura. Mais tarde, foi convidado a dar oficinas de cerâmica para os internos da antiga Fundação da Criança e do Adolescente (Fundac), onde permaneceu por três anos.

Fernandes Rodrigues esculpe, no barro, personagens da cultura nordestina, anônimos e famosos, que chamam atenção pelo realismo e expressividade. Cria esculturas de dimensões variadas, dominando grandes formatos e bustos. Tem predileção pelas figuras masculinas, que aparecem principalmente sentadas, lendo ou tocando algum instrumento musical. Trajam roupas simples, às vezes, chapéu e gibão de vaqueiro. Com os pés descalços, marca do artista, lembram a simplicidade do povo nordestino.

Para saber mais, aponte a câmera do celular para o QR code.







Mestre Fernandes Rodrigues
Modelagem, argila

Homem pensativo 2
Mestre Fernandes Rodrigues
Modelagem, argila
30 x 26 x 29 cm





MESTRA IRINÉIA

União dos Palmares – AL

Irinéia Rosa Nunes da Silva (1947) nasceu em Muquém, povoado remanescente do Quilombo de Palmares, localizado no município de União dos Palmares, em Alagoas. Descendente de quilombolas e filha de paneleira, Mestra Irinéia teve contato com o barro desde criança, ajudando a mãe no acabamento das peças. Mas foi somente depois dos trinta anos que passou a se dedicar à cerâmica; é a primeira ceramista de Muquém a criar peças figurativas, influenciando outros artesãos do povoado.

Suas primeiras peças foram ex-votos, deixados em barro cru e maciço. Com o tempo, passou a aprimorar o acabamento, introduzindo a queima. Mestra Irinéia desenvolveu um estilo inconfundível para contar suas histórias; é considerada Patrimônio Vivo do estado de Alagoas desde 2005.

É conhecida por suas cabeças, modeladas com diversidade de penteados e adereços. E pela obra *O beijo*, criada em parceria com Antônio, seu falecido marido. Já as obras *A jaqueira* e *A lenha* narram a grande enchente do rio Mundaú, que devastou a comunidade de Muquém em 2010. Para se salvar, 52 pessoas subiram em uma grande jaqueira e passaram a noite em seus galhos, esperando a água baixar. Irinéia viu tudo acontecer do alto de um monte de lenha, que a salvou.

Para saber mais, aponte a câmera do celular para o QR code.

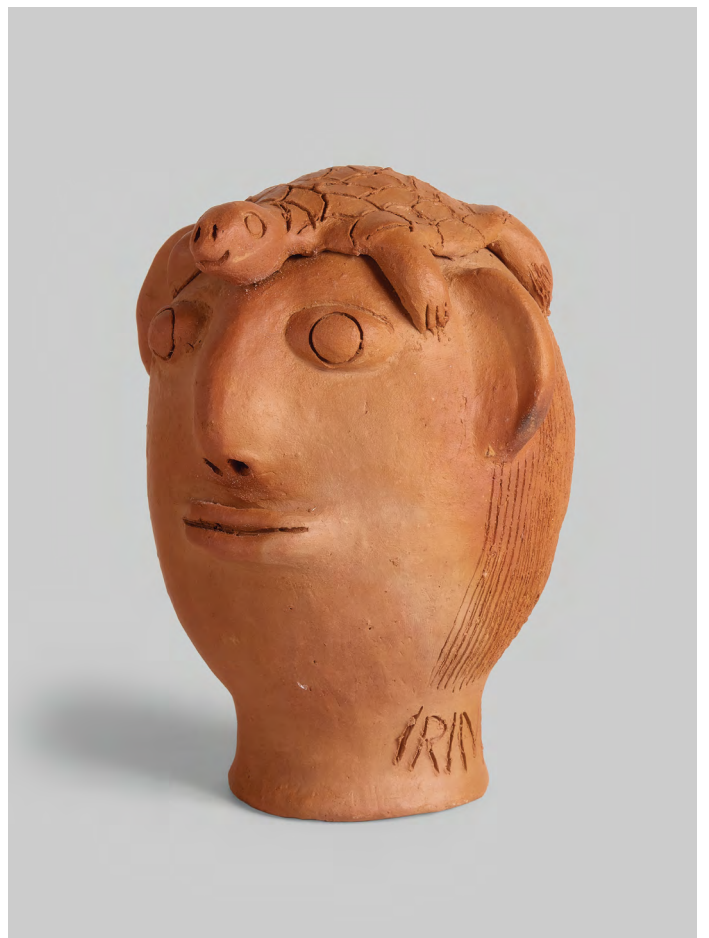




Cabeça 11
Mestra Irinéia
Modelagem, argila
16 x 14 x 12 cm



Cabeça 1
Mestra Irinéia
Modelagem, argila
22 x 15 x 20 cm



Cabeça 5
Mestra Irinéia
Modelagem, argila
17 x 16 x 17 cm

Árvore
Mestra Irinéia
Modelagem, argila
30 x 22 x 27 cm







MESTRE JOTACÊ E FILHOS

Lençóis – BA

Jiovaldo Chaves Araújo (1934), mais conhecido como Mestre Jotacê, nasceu em Senhor do Bonfim, na Bahia. O primeiro contato com o barro aconteceu ainda na infância, pois gostava de observar suas vizinhas, que criavam presépios e outras figuras. Adulto, morou em Salvador e frequentou o espaço de cursos livres da Escola de Belas-Artes. Ali aprendeu a desenhar, o entalhe da madeira, a cerâmica e o mosaico, e trabalhou com grandes artistas como Carybé, Emanuel Araújo e Udo Knoff.

Em 1985, mudou-se para Lençóis, na Chapada Diamantina, onde a cerâmica se tornou sua principal mídia de expressão. Repassou seus conhecimentos para os quatro filhos. Atualmente, dois seguem seus passos: Hermes Aquino Chaves de Araújo (1973) e Janshid Aquino Chaves de Araújo (1974) que, ao longo do tempo, se dedicaram a desenvolver seus próprios traços.

Criam, na cerâmica, esculturas variadas e grandes painéis, com temas muitas vezes relacionados à natureza, maior fonte de inspiração. O desenho é parte essencial do processo criativo, pois é a partir dele que elaboram a intrincada e colorida ornamentação que distingue suas obras. Remetendo aos azulejos, elementos naturais e figuras geométricas formam padrões que são perfeitamente encaixados, expressando grande habilidade técnica e beleza.

Painel Jotacê

Mestre Jotacê

Pintura com espátula,
massa cerâmica

160 x 90 cm

Para saber mais,
aponte a câmera
do celular para
o QR code.



Cacto 1

Mestre Jotacê e
Filhos Jotacê | Jan Araújo

Modelagem e
policromia, argila
38 x 30 cm





Cilindro 3

Mestre Jotacê e
Filhos Jotacê | Jan Araújo

Modelagem e policromia,
argila

24 x 11,5 cm



Cilindro 1

Mestre Jotacê e
Filhos Jotacê | Jan Araújo

Modelagem e policromia,
argila

32,5 x 12 cm



Pássaro 1

Mestre Jotacê e Filhos Jotacê |
Hermes Araújo

Modelagem e policromia, argila
20 x 20 x 30 cm

Pássaro 4

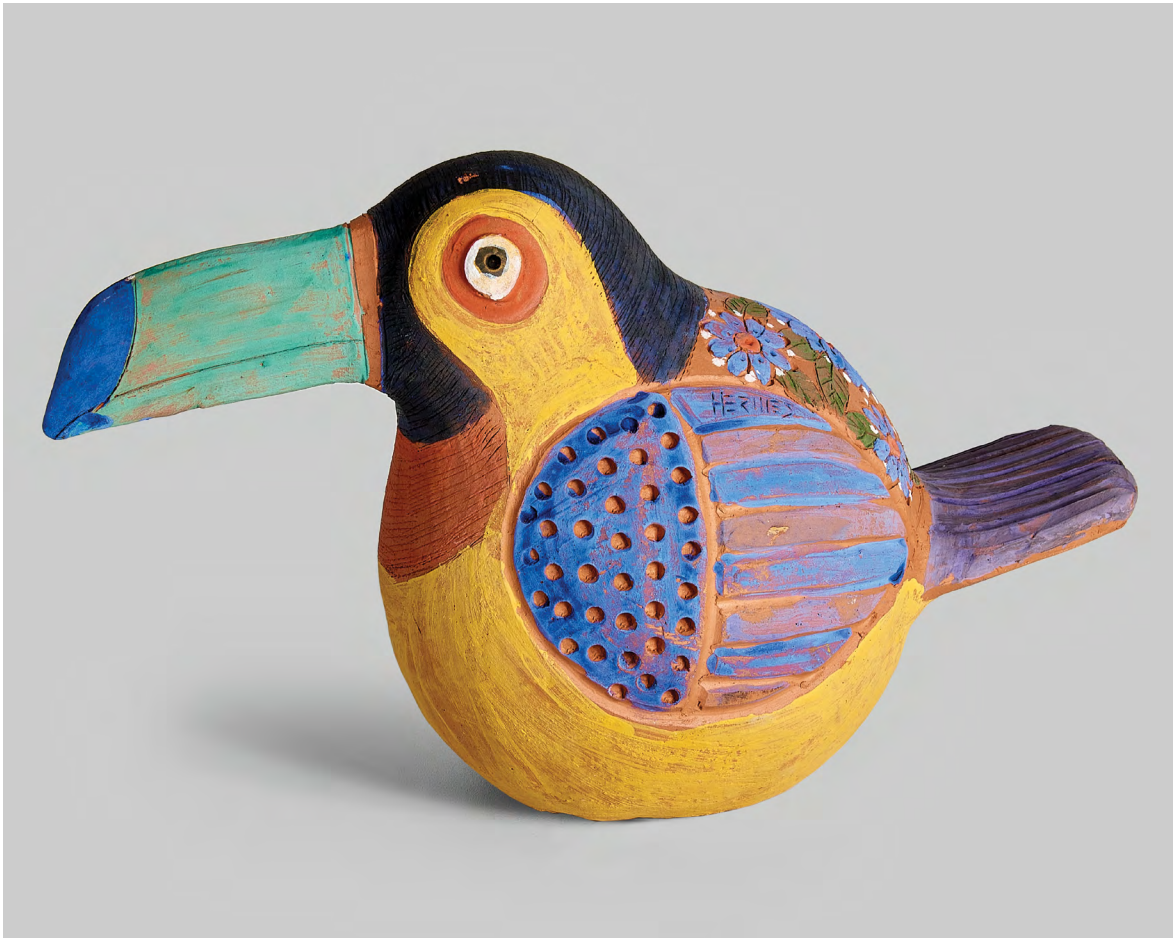
Mestre Jotacê e Filhos Jotacê |
Hermes Araújo

Modelagem e policromia, argila
20 x 20 x 30 cm

Pássaro 7

Mestre Jotacê e Filhos Jotacê |
Hermes Araújo

Modelagem e policromia, argila
20 x 20 x 30 cm







POVO ASHANINKA DO RIO AMÔNIA

Marechal Thaumaturgo – AC

Os Ashaninka do Rio Amônia formam uma comunidade com cerca de mil indivíduos e vivem na Terra Indígena Kampa do Rio Amônia, demarcada em 1992 após mais de uma década de luta contra madeireiros ilegais. Está localizada às margens do rio Amônia, na região do Alto Juruá, no Acre. Desde o início dos anos 1990, os Ashaninka do Rio Amônia desenvolvem vários projetos para promover práticas sustentáveis em seu território, e se tornaram referência nacional e internacional na preservação da floresta amazônica.

Possuem uma cultura material bastante diversificada e única, produzindo mais de setenta tipos de objetos que têm diversas funções utilitárias e decorativas, como vestimentas, bolsas, cestos, instrumentos musicais, adornos pessoais e outros. Grandes admiradores do que é belo, criam seus artefatos com muito esmero e senso estético.

A venda do artesanato é a principal fonte de renda para as famílias, possibilitando sua permanência no território. A produção artesanal promove também as trocas de conhecimentos entre jovens e adultos, garantindo o repasse dos conhecimentos entre gerações. Assim, esses objetos carregam uma multiplicidade de significados culturais e simbólicos conectados à floresta, à espiritualidade, à ancestralidade e à sociabilidade, contribuindo para a construção de um futuro em que as tradições e a floresta se mantêm vivas.

Para saber mais, aponte a câmera do celular para o QR code.





**Txowiya – Tipóia /
Capuz c/ sementes**

Povo Ashaninka do Rio Amônia

Tear, pintura natural e sementes,
tecido de algodão natural,
sementes de Tanoki e Memeki
e pigmentos naturais

78 x 36 cm



**Kitharentsi – Kusma,
masculina G**

Povo Ashaninka do Rio Amônia

Tear, pintura natural, tecido de
algodão natural, e pigmentos
naturais

135 x 113 cm



Kitharentsi – Kusma, feminina G

Povo Ashaninka do Rio Amônia

Tear, pintura natural e sementes,
tecido de algodão industrial,
sementes de kirishixoki

120 x 120 cm



Tsiwötsi – Maletas ashaninka

Povo Ashaninka do Rio Amônia

Trançado, fibra de cana-brava

Chocalho 1

Povo Ashaninka do Rio Amônia

Mista, sementes de tanoki
e algodão natural

33 x 7 cm







TECE ARTE

Várzea Grande – MT



A associação Tece Arte foi fundada em 2021, com o objetivo de resgatar e fortalecer a técnica tradicional de tecer a rede de dormir várzea-grandense, tradicional da comunidade Limpo Grande, localizada no município de Várzea Grande, no Mato Grosso. A associação é formada por cinquenta artesãs que aprenderam o ofício com suas mães, guardiãs de um saber-fazer que é repassado de geração em geração.

Atualmente, as artesãs de Limpo Grande são as principais continuadoras dessa tradição, que já esteve presente em municípios próximos. Contam as histórias locais que o modo de fazer a rede teve origem com os indígenas guanás, que se mudaram para a região do Vale do Rio Cuiabá na primeira metade do século XIX.

A confecção de uma rede leva de dois a três meses para ser concluída e envolve diferentes etapas de trabalho. A tecelagem é realizada com linhas de algodão de baixo para cima, em grandes teares verticais. Os bordados, nome dado aos desenhos que embelezam as redes, são tecidos ao mesmo tempo que o fundo e geralmente representam animais e elementos da cultura da região. Graças a sua forma única de tecer, a rede não tem avesso, e os desenhos podem ser vistos dos dois lados do tecido.

Mais que um objeto de uso cotidiano, a rede de dormir várzea-grandense expressa a grande habilidade técnica, a criatividade e a identidade cultural das rendeiras, tornando-se um símbolo da comunidade de Limpo Grande e do Mato Grosso.

Para saber mais, aponte a câmera do celular para o QR code.



Rede verde

Tece Arte | Maria Conceição Pereira

Tear manual vertical, linha de algodão

360 x 400 x 210 cm





Rede vermelha

Tece Arte | Jucileide Clemente
da Silva Ferreira

Tear manual vertical, linha de algodão
360 x 400 x 210 cm



Rede amarela

Tece Arte |

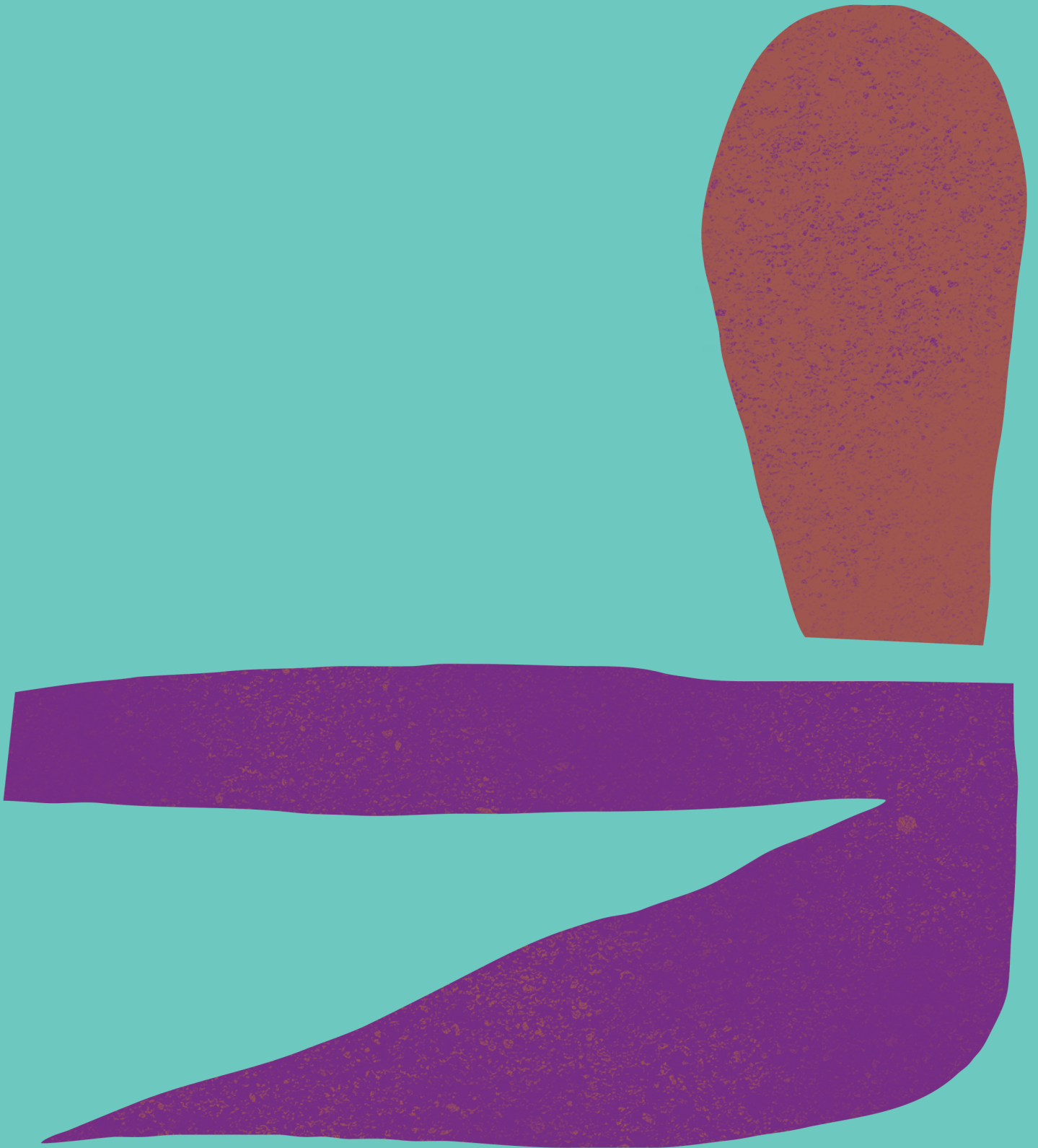
Gonçalina Lemes da Silva

Tear manual vertical,
linha de algodão

360 x 400 x 210 cm



Rede azul
Tece Arte |
Julia Maria da Silva
Tear manual vertical,
linha de algodão
360 x 400 x 210 cm





FEIRA EXPOSIÇÃO ARTE DOS MESTRES

REALIZAÇÃO Artesol

CONCEPÇÃO DO PROJETO Josiane Masson

CURADORIA Josiane Masson e Marco Aurélio Pulchério

DIREÇÃO CRIATIVA Marco Aurélio Pulchério

COORDENAÇÃO DO PROJETO Daniele Carvalho I canaes_

COORDENAÇÃO ADMINISTRATIVA-FINANCEIRA Sheila Maiorali

PESQUISA E ASSISTÊNCIA DE CURADORIA Isabel Franke

PRODUÇÃO Gabriela Conceição e Ahmad Claudio

ASSISTÊNCIA DE PRODUÇÃO Larissa Falchioni

TEXTOS Isabel Franke, Josiane Masson, Ilana Goldstein

PROJETO EXPOGRÁFICO Adriana Yazbek

EQUIPE DE PROJETO EXPOGRÁFICO Gabriela Takase e Luiza Ho

MONTAGEM FINA Projecta

CENOTÉCNICA Catanduva

DESIGN Casa Rex

COMUNICAÇÃO VISUAL Family Sign

PROJETO DE ILUMINAÇÃO Fernanda Carvalho

ILUMINAÇÃO Santa Luz

COORDENAÇÃO DE VENDAS Pedro Galdino

COORDENAÇÃO DE COMUNICAÇÃO Mariana de Oliveira

ASSISTÊNCIA DE COMUNICAÇÃO Camila Frois

e Jefferson Figueiredo

ASSESSORIA DE IMPRENSA Suporte Comunicação

WEBSITE Vinil

REVISÃO DE TEXTOS Regina Stocklen

REDES SOCIAIS Casa Salô

TRÁFEGO PAGO Guilherme Fagaraz

FOTOGRAFIA Ricardo Carotta e Theo Grahl

PRODUÇÃO AUDIOVISUAL Theo Grahl | Mombak Coletivo

TRADUÇÃO E INTÉRPRETE DE LIBRAS InterPrêta

CATÁLOGO ARTE DOS MESTRES

COORDENAÇÃO EDITORIAL Mariana Oliveira

TEXTOS Isabel Franke, Josiane Masson, Marco Aurélio Pulchério, Ilana Goldstein

FOTOGRAFIA Ricardo Carotta e Theo Grahl

DESIGN Casa Rex

IMPRESSÃO Gráfica Bartira

MINIDOCUMENTÁRIOS ARTE DOS MESTRES

DIREÇÃO ARTÍSTICA Theo Grahl

ROTEIRO Mariana Santos e Theo Grahl

PRODUÇÃO DE CAMPO Vonaldo Mota e Ivone Moraes

EDIÇÃO Cassios Nogueira e Theo Grahl

TRILHA SONORA Felipe Fachini e Guilherme Eddino

NARRAÇÃO Theo Grahl

ANIMAÇÃO GRÁFICA Marco Antunes

EDIÇÃO DE SOM Artur Crepaldi

AGRADECIMENTOS

Aldemar dos Santos Maciel, Ana Barbosa, Ana Beatriz Ellery, André Luiz Spinelli Schelini, Anne Ferreira, Carolina Comandulli, Caroline Afonso, Cecília Rima, Célia Márcia Fernandes, Clessiano Cardoso, Daniel Lauria, Felipe Oliveira, Franklin Santana Santos, Germana Mourão, Giselle Alves de Olivera, Ítalo de Souza Silva, Jorg Friedemann, Jorge Pacheco, Kleber Campos, Livia King, Maguy Etlin, Marisa Santana, Onelia Leite Santana, Pedro Cesário, Rafaela Lopes, Rita Wirtti, Rodrigo Lyra, Rodrigo Sampaio Melo, Santana Maria Oliveira, Tatiana Martins, Thiago Tomaz e Unie Brito

ARTESOL

FUNDADORA Ruth Cardoso

PRESIDÊNCIA Sonia Quintella de Carvalho

CONSELHO FISCAL Carmem Granja, Luiz Antunes Müssnich e Patrícia Castilho

VICE-PRESIDENTE Ana Lucia Gracioso Colletti Barbosa

DIRETORA ADJUNTA Sonia Regina Opice

CONSELHO CONSULTIVO Ana Carolina M.B. Matarazzo, Ana Luiza Trajano, Ana Tercia Rodrigues, Andrea Alvares, Andrea Weichert, Anna Regina de Almeida Pires, Claudia Sender, Christiana de Souza Ramos Novis, Lisiane Lemos, Luiz Carlos Moreira Lima, Mariana Barbosa, Marília Opice Bossalani, Regina Célia Vasconcelos Esteves, Sílvia Kupfermann Rodarte, Solange Salva, Viviane Simões

ASSOCIADOS Adelia Lucia Borges, Ana Lucia Gracioso Colletti Barbosa, Anna Regina de Almeida Pires, Antonio Augusto Arantes Neto, Celso Lafer, Cira Souza, Edna Suely Motosinho de Pontes, Evangelina Seiler, Helly Maria Zitenfeld Alvim, Julio Sérgio de Maya Pedrosa Moreira, Maria Beatriz B. Ferreira Alves Ceschin, Maria Cecília Oliva Perez, Maria do Carmo Abreu Sobré Mineiro, Maria Ignez Correa de Costa Barbosa, Maria Luiza Luz do Prado Bresser Pereira, Maria Luiza Siffert Porto, Margarida Cintra Gordinho, Marília Opice Bossalani, Regina Célia Boeri Pacheco de Castro, Regina Maria Cordeiro Dunlop, Renata Cunha Bueno Mellão, Renata Sampaio Fernandes Amaral, Sílvia Kupfermann Rodarte, Sílvia Poppovic, Solange Salva, Sonia Regina Opice, Thomas Baccaro, Vivian Sachs de Campos e Waldick Jatoba

VOLUNTÁRIAS Ana Lucia Gracioso Colletti Barbosa, Ana Regina Almeida Pires, Beatriz Quintella, Carla Marchese, Cira Santos Souza, Claudia Necessian, Christiana de Souza Ramos Novis, Luciana Deus, Maria Beatriz B. Ferreira Alves Ceschin, Maria Luiza Siffert Porto, Marília Opice Bossalani, Patricia Quintella, Regina Celia Boeri Pacheco de Castro, Renata Sampaio Fernandes Amaral, Sandra Elisabetta Iannelli, Sonia Regina Opice, Sílvia Barbará e Vivian Sachs de Campos

EQUIPE EXECUTIVA

DIREÇÃO GERAL Josiane Masson

COORDENAÇÃO EXECUTIVA Sheila Maiorali

DESENVOLVIMENTO INSTITUCIONAL Beatriz Freitas

COMUNICAÇÃO Mariana Oliveira, Camila Natalino Fróis, Jefferson Figueiredo e Guilherme Fagaraz

EQUIPE TÉCNICA Helena Kussik, Isabel Franke, Ana Clara Melo, Debora Moreira, Daniela Alves Ferreira, Daphne Sciencia, Dayana Figueiredo de Oliveira e Gracieli da Silva Oliveira Santos

ASSISTÊNCIA ADMINISTRATIVA Elaine Rocha

Arte dos Mestres. — 1ª ed. — Josiane Masson / Marco Aurélio Pulchério (textos e curadoria) ; Ilana Goldstein (prefácio) ; Isabel Franke (texto e pesquisa).

São Paulo: Artesol, 2024.

Textos em português.

Esta edição foi realizada por ocasião da Feira-Exposição *Arte dos Mestres*, 2024, 2ª edição, no Espaço State, Vila Leopoldina, São Paulo, durante os dias de 27 de agosto a 01 de setembro de 2024.

ISBN 978-85-62423-01-7

1. Título. 2. Arte Popular – Brasil – Século XXI. I. Franke, Isabel. II. Masson, Josiane. III. Pulchério, Marco Aurélio.

CDU: 738(81)

Índices para catálogo sistemático:

1. Mestres Artesãos
2. Mestres do Artesanato

Catálogo na publicação: Léia Carmen Cassoni -
Bibliotecária - CRB 8/6600



ATRÁS, À DIREITA Peça do artista Mestre Maqueson À FRENTE, ESQ-DIR Peças dos artistas: Jan Araújo | Mestre Jotacê e Filhos, Mestre Irinéia e Rosana Pereira | Família Ulisses Pereira À FRENTE Peça do artista Hermes Araújo | Mestre Jotacê e Filhos



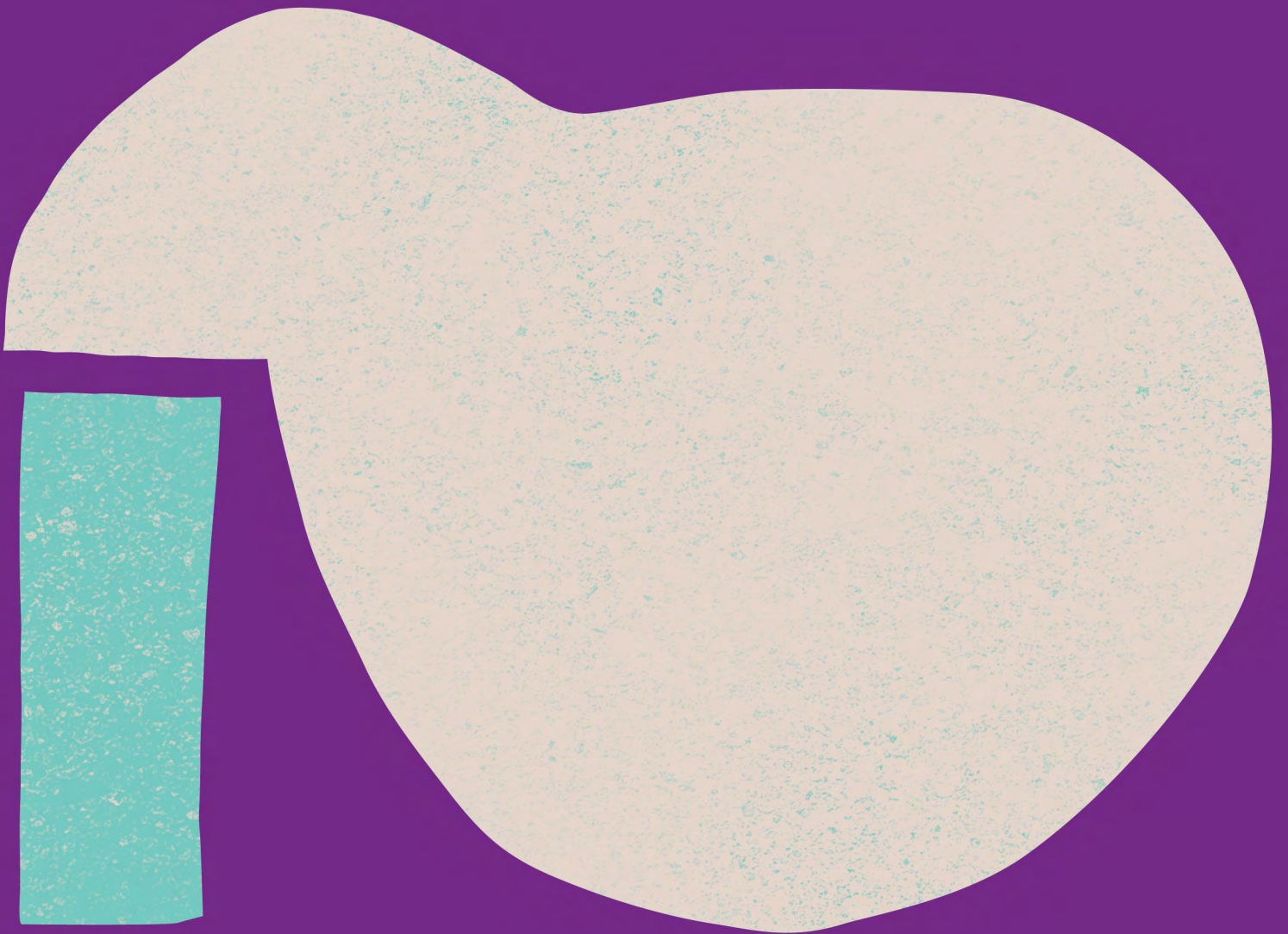
ATRÁS Peça do Povo Ashaninka do Rio Amônia
À FRENTE ESQ-DIR Peças dos artistas: José Maria Pereira |
Família Pereira, Antônio Rodrigues | Família Mestre Zé Caboclo,
Josielton Sousa e André Menezes

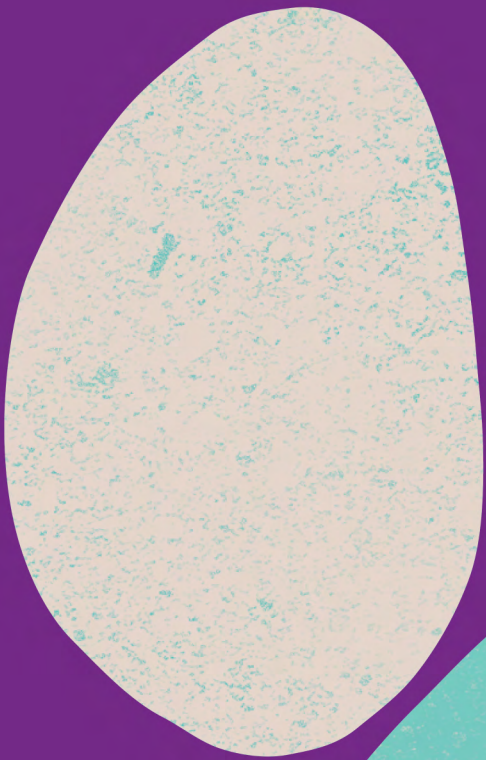


ESQ-DIR Obras dos artistas: José Maria Pereira | Família Pereira, André Menezes e Maqueson
À FRENTE, ABAIXO Obra do Povo Ashaninka do Rio Amônia



ATRÁS, ACIMA Obra do artista Mestre Espedito Seleiro ABAIXO, ESQ-DIR Obras dos artistas: Mestra Socorro Rodrigues e Mestra Mariete Rodrigues | Família Mestre Zé Caboclo e Cláudio Capela







Patrocínio Master



Parceria Institucional



DESENVOLVIMENTO
ECONÔMICO



GOVERNO
DIFERENTE.
ESTADO
EFICIENTE.



INNSIDE by Meliã
São Paulo Itaim



Realização



MINISTÉRIO DA
CULTURA



PRONAC 233686



ISBN 978-85-62423-01-7

